

DF - arte

A arte de Brasília

Obras de 21 artistas mostram a linguagem contemporânea do DF

Angélica Torres Lima

Convidada a mostrar no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado a linguagem plástica contemporânea do Distrito Federal, a Associação de Artistas Plásticos organizou a exposição **Arte Atual de Brasília** que, depois de cumprir seu roteiro em São Paulo, chega à galeria térreo da Fundação Cultural (Teatro Nacional), apresentando obras de 21 artistas selecionados por Athos Bulcão, Ruben Valentim, Glênio Bianchetti e Douglas Marques de Sá.

O grupo reúne nomes que surgem da nova geração de artistas plásticos, nascidos ou formados em Brasília, e que são considerados "tão bons quanto ou melhores do que os de muita capital brasileira" por Bianchetti. A Associação de Artistas Plásticos dedica a mostra à designer Regina Ramalho, falecida no Rio de Janeiro na semana passada.

Regina Ramalho participa do grupo apresentando suas antológicas caixinhas poéticas, montadas a partir de objetos pessoais, bugingangas e miniaturas que resultam em efeito de extrema plasticidade. Ruben Valentim apresenta suas últimas obras, expressões da mitologia afro-brasileira em discurso semiótico. Athos Bulcão expõe composições armadas com equilíbrio de cores e formas geométricas.

Milan Dusek, paisagístico, apresenta com rigor técnico e plástico suas composições cromáticas. Jeanne Gattai também trabalha em torno da natureza e força de expressividade de sua policromia. Enquanto Sonia Paiva mostra versatilidade plástica no tríptico **Farra do Boi**, Jackeline Belotti apresenta um trabalho figurativo de tendência expressionista em que a latinoamericanidade é o elemento forte de sua proposta estética (ver box).

Os ideogramas discretos de

Ana Miguel, as formas abstratas combinadas ritmicamente por Betty Bettiol, as texturas que evocam o perfil do cerrado por Luiz Gallina e a simbologia de Rose Fraymund, revelam a qualidade gráfica e a técnica precisa dos gravadores em questão. O regionalismo e a fantasia estão presentes como documentos do universo de metáforas de Eduardo Cabral. O movimento impresso na perspectiva plástica da obra de Eduardo Carrera mostra o vigor de sua linguagem pictórica.

Os fragmentos emocionais aparecem em cores vibrantes nos personagens de Glênio Lima. Em Luiz Carlos Cruvinel e Maria Luiza Centeno Braun o figurativo surge do universo psicológico em remontagens simbólicas. Nas tapeçarias de Edir Monteiro a contemporaneidade aparece na narrativa de signos culturais.

A abstração está nas formas cromáticas de João de Sylqs, como também aparece na obra de traços gráficos de Elder Rocha Filho e na de Eloiza Gurgel, que constrói com retângulos, perfis em figuras-fundo. Os três artistas formam, no grupo, composições de tendência neo-concretista.

Apesar de ser um dos nomes compromissados a participar da mostra também exibida em São Paulo de 9 a 26 de maio, Glênio Bianchetti terminou não fazendo parte do grupo. "Não dá para cantar e assobiar ao mesmo tempo", disse ao explicar sua não participação, em consequência da preparação da exposição individual que inaugurou recentemente a nova Galeria Portfolio e que lá permanece até o dia 22.

A **Arte Atual de Brasília** apresenta um panorama variado em técnica e gêneros, significativo da criatividade e sensibilidade dos artistas aqui radicados. A mostra será inaugurada hoje às 19h00 e permanecerá aberta até o dia 30.

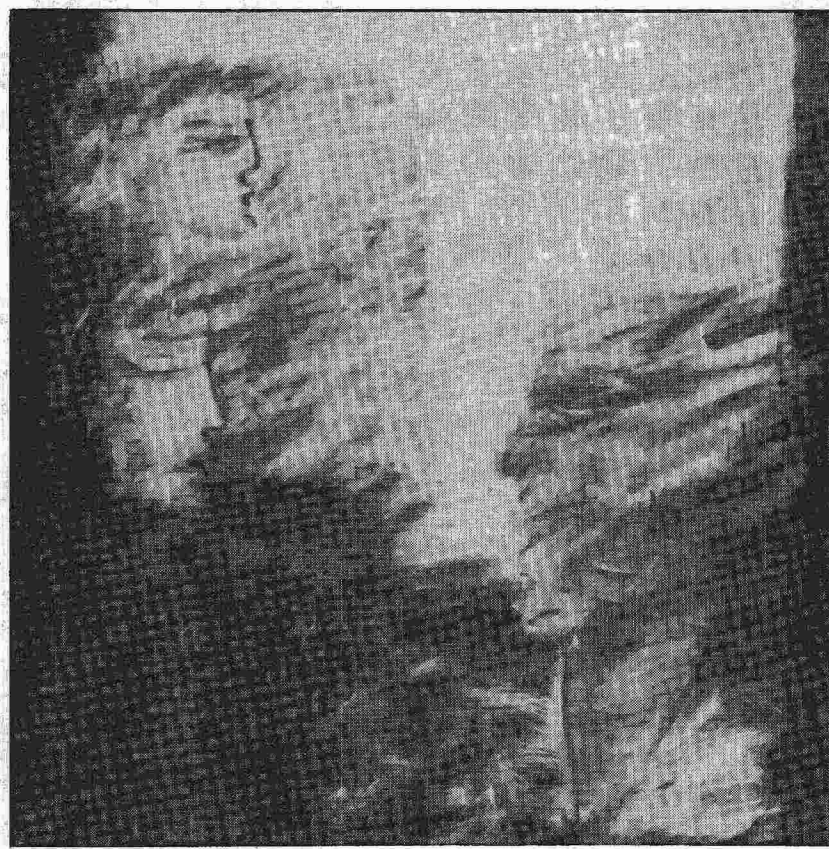
Fotos: divulgação



Cabeças, acrílico s/ tela de Glênio Lima



Pintura de Maria Luiza Centeno



No Quadro II, acrílico s/ tela de Glênio Lima



Bons Conselhos e Ordens Veladas, de Jaqueline Belotti, que está reproduzido nas contas de luz, está exposto na galeria Brasil Interart, em Paris, na mostra Arte 3

As Ordens Veladas, em Paris

O quadro de Jaqueline Belotti, **Bons Conselhos, Ordens Veladas**, que se tornou popular em Brasília ao ser reproduzido em cores na conta de luz da CEB durante os meses de julho de 87 a fevereiro de 88, está hoje na galeria **Brasil Interart** em Paris, onde a artista, junto com Eduardo Cabral e Luiz Carlos Coelho Cruvinel, esteve no mês passado para apresentação da mostra **Arte 3**.

A exposição percorreu também Madrid e Roma no período de 2 de maio a 12 de junho, por iniciativa dos três artistas, cujos trabalhos foram muito bem aceitos. Jaqueline Belotti, por exemplo, vendeu 10 dos 12 quadros que levou para a exposição itinerante. Expressionista, sem preocupação de se manter fiel a um estilo, o trabalho desta artista plástica carioca vai encontrando sua própria unidade. Mas o que encantou os europeus foi sua vitalidade colorista figurativa e a expressão latino-americana de seus personagens — e aí des-

taca-se a série dos "homens machões".

A preocupação existencial que Jaqueline Belotti transporta para suas telas estão impregnadas de uma narrativa irônica, à qual ela própria qualifica de "um pouco kitsch". Começou sua carreira dedicada a gravuras em 1979 quando estava cursando Desenho na UnB, mas a vocação para a arte é matéria que preenche sua vida desde a infância.

Atualmente, Jaqueline Belotti é professora de educação artística e está seriamente compromissada com o desenvolvimento de sua linguagem pictórica. Diz que vai parar com todos os outros compromissos que cercam sua atividade artística — inclusive exposições — para poder se dedicar integralmente ao aprofundamento de sua obra figurativa. Mas antes desta parada, vai terminar uma capa de livro e uma de disco, que preferiu fazer suspense sobre quem são os autores respectivos. (ATL)